



CORPOREIDADE E IDENTIDADE, O CORPO NEGRO COMO ESPAÇO DE SIGNIFICAÇÃO.

SILVA, Joyce Gonçalves da

Estudante de Mestrado do Programa PPRER- CEFET/RJ.
gsilva.joyce@gmail.com

263

RESUMO:

A análise proposta pressupõe que a relação entre a cultura e os corpos negros constituem uma corporeidade que traz consigo, em suas movimentações e expressões, visões estereotipadas sobre a população negra. A maneira como estas visões estereotipadas repercutem na corporeidade do indivíduo e influenciam na sua identificação são pontos a serem abordados. A corporeidade se constitui na relação do sujeito com o seu mundo. Considerando que a sociedade brasileira investe na marginalização dos corpos negros, através da difusão de estereótipos e do racismo, temos no corpo do indivíduo negro um possível espaço de resistência a essas correntes. Cientes do corpo como espaço para a significação do "Eu", percebemos na população negra, a identidade influenciada por toda a trama que se abate sobre sua corporeidade, da opressão à luta contra estereótipos. Pretende-se então a discussão sobre o corpo negro como espaço de significação e luta contra os estereótipos atrelados à sua corporeidade.

PALAVRAS-CHAVE: Corporeidade; Estereótipo; Identidade.

ABSTRACT:

The proposed analysis assumes that the relationship between culture and black bodies are a corporeality that brings in their movements and expressions, stereotypes about black people. The way these stereotypes have repercussions on the corporeality of the individual and influence their identification are points to be addressed. The corporeality is constituted in the subject's relation to his world. Whereas the Brazilian society invests in the marginalization of black bodies, through the dissemination of stereotypes and racism, we have the body of the black guy as a space of possible resistance to these currents. Aware of the body as a place to construct the meaning of "ME", is noticed in black population, the identity influenced by the whole plot that befalls its corporeality, from the oppression through combating stereotypes. The intend of this propose is a discussion over the black body as a place of significance and combating stereotypes tied to his corporeality.

KEY-WORDS: Embodiment; Corporeality; Stereotype; Identity.



O Corpo e os sistemas de diferenciação

O corpo é a dimensão biológica que materializa a nossa presença no mundo. É o lugar concreto onde manifestamos nossas vontades, desejos, tudo o que foi aprendido e observado ao longo de nossa história pessoal e por esta razão, o corpo, também é fruto de construção social, repleto de representações culturais e simbólicas de uma sociedade.

O corpo, como relata Foucault, "é uma jaula desagradável, na qual terei que me mostrar e passear. É através de suas grades que eu vou falar, olhar, ser visto. Meu corpo é o lugar irremediável a que estou condenado (2010, p.01)". É o canal por onde nos diferenciamos dos outros, é por onde somos vistos, observados e julgados, é o caminho pelo qual as sensações e percepções que temos de nós mesmos, de todas as pessoas e das coisas que nos cercam se internalizam e assim se tornam participantes da estruturação de um conceito que pré-estabelecemos sobre a diferença.

A diferença é como uma conceituação criada por nós mesmos, influenciados pela cultura, sobre o que nos difere das coisas do mundo. Assim sendo, as características físicas e visíveis de todas as coisas do mundo são utilizadas como elemento diferenciador, as cores, os formatos, as texturas. Segundo Hall (2013,p.04) " O que importa com relação às diferenças são os sistemas que utilizamos para dar sentido a elas, a forma como organizamos essas diferenças em sistemas de sentido, com os quais fazemos com que o mundo nos seja inteligível." Isso somente é possível quando, ainda segundo o autor, estas diferenças são organizadas dentro da linguagem, quando elas adquirem sentido.

Este sentido é adquirido através dos sistemas de representação oferecidos pela cultura. Estes sistemas nos oferecem subsídios para o sentido/significado do que nos é diferente. Segundo Rodrigues (2006, p.20) "os sistemas de representação estabelecem cortes e contrastes e instituem diferenças." Estas diferenças são assimiladas pela cultura em forma de sistemas classificatórios e a marcação destas diferenças é o componente chave destes sistemas.

A marcação da diferença ocorre tanto no processo de classificação, quanto nos processos simbólicos de representação, formando a partir daí um significado para o que é visto no mundo. Esta marcação das diferenças ocorre também nas formas de exclusão social. A autora Kathryn



Woodward contempla a questão ressaltando como a cultura estabelece sua ação nos processos de diferenciação e constituição de sentido.

" Cada cultura tem suas próprias e distintivas formas de classificar o mundo. É pela construção de sistemas classificatórios que a cultura nos propicia os meios pelos quais podemos dar sentido ao mundo social e construir significados. ' (WOODWARD, In: SILVA, 2013, p.42)"

O processo de conscientização da diferença ocorre ainda na infância, quando a criança descobre o seu corpo, construindo seu esquema corporal e com a ajuda dos pais e do meio ambiente, estrutura-se sua imagem corporal. Desta maneira, a criança institui o que é semelhante e o que é diferente de seu corpo. A estruturação da imagem corporal só se completa mais tarde quando o contato desta criança com a sociedade aumenta e a cultura se instaura no cotidiano desta. A cultura é o dinamizador da constituição da diferenciação na criança, como podemos observar nas palavras de Rodrigues:

"Quando crianças, habituamo-nos a absorver as características de nossa cultura tão inconsciente como aquela pela qual aprendemos o idioma que falamos. De fato, o comportamento social liga-se a uma pauta que está para a consciência do agente de maneira tão sutil e disfarçada como as regras da língua estão para o falante. Da mesma forma, os contrastes e oposições que se responsabilizam pela constituição de sentido das coisas e do mundo estão muitas vezes implícitos e dissimulados numa região de difícil acesso para a consciência dos indivíduos" (RODRIGUES, 2006, p.42)

Desta maneira, a cultura e seus conceitos são internalizados pelos corpos dos indivíduos, naturalizando as diferenças, havendo mesmo assim uma conceituação sobre cada uma delas, por onde se baseia a discriminação: Eu/outro.

Logo, se analisarmos as diferenciações a partir das características físicas das coisas que compõe o mundo, o corpo do Outro, será avaliado também a partir disto. Ao considerarmos a nossa sociedade, onde pessoas são discriminadas e oprimidas em razão de sua cor de pele e posição social, observaremos que nela a cultura apresenta o corpo do Outro sendo caracterizado exclusivamente pela cor, características físicas e condição social. Segundo Bhabha (1998, p.107) "o corpo está sempre simultaneamente inscrito tanto na economia do discurso, da dominação e do poder." O corpo, neste caso, é o instrumento de representação do poder.



Cientes de nosso passado colonial, estabelecemos uma relação entre o discurso construído sobre a população negra, e que ainda resiste, e os corpos dos excluídos socialmente. Observamos então que, utilizando a cultura e a educação, são disseminados os conhecimentos do colonizador. Isto ocorre por meio de seu discurso e de sua atuação política, impondo aos corpos dos indivíduos, os saberes e normas de conduta dentro dos quais estão as visões e percepções acerca do sujeito colonial. Este discurso colonial tem como "seu objetivo apresentar o colonizado como uma população de tipos degenerados com base na origem racial de modo a justificar a conquista e estabelecer sistemas de administração e instrução." (BHABHA, 1998, p.111)

O corpo e o discurso colonial

O discurso colonial europeu manteve sua força e poder por meio do discurso da dominação colonial e da desmoralização dos povos colonizados onde a supremacia da raça branca europeia sobrepujava todos os outros que desta não faziam parte. Este discurso segundo Bhabha (1998, p. 111), "emprega um sistema de representação, um regime de verdade, que é estruturalmente similar ao realismo." Desta maneira, reconhecido é, como conhecimento, os regimes discursivos do colonizador proporcionando ausências referenciais na formação identitária dos povos, onde estas referências aos seus atributos culturais e corporais são difundidos somente por aspectos negativos ou sobrecarregados por exotismo.

Como a Europa era o ponto central da civilização, centro de cultura e conhecimento, abarcamos em nossa cultura, os termos utilizados pela alta cultura europeia, que se estrutura e se mantém a partir do discurso da superioridade colonial.

Em nossos discursos atuais temos resquícios e conceituações advindas deste período, que ainda permanecem como verdades. É esta a dinâmica que ocorre nas sociedades que foram colônias europeias, incluindo o Brasil. Dinâmica que "procura a legitimação de suas estratégias através da produção de conhecimentos do colonizador e do colonizado que são estereotipados mas avaliados antiteticamente" (BHABHA, 1998, p.111). Assim sendo, os conhecimentos e atitudes atribuídas às populações oprimidas pelo sistema colonial demonstram uma variação de verdade, sendo assimilada por seus corpos e tornando-se parte de sua história pessoal expressa por este corpo.



É a partir desta dinâmica de apreensão do conhecimento e de uma cultura genuína oferecidas pelo colonizador que as diferenças culturais e as características físicas se tornam parte de um esquema de diferenciação e discriminação. Ao instituir seu discurso de superioridade enquanto verdade, o colonizador conceitua negativamente as características físicas e culturais dos outros povos, julga seus comportamentos e ações e condena as atitudes corporais de seus colonizados. Tudo isso na tentativa de normatizar os comportamentos da sociedade que pretende construir nas colônias onde difunde as ideias estereotipadas sobre aqueles que não se enquadram em seu desejo de sociedade.

O corpo e a cultura

Acreditamos que a consequência desta postura tenha atingido a formação de nossa cultura, de maneira que a cultura brasileira se torna no decorrer dos anos uma mostra da cultura periférica do país, sendo apropriada e ressignificada a fim de satisfazer as normas delineadas pela elite, que ainda mantém, como dito anteriormente, resquícios de um discurso eurocêntrico, mesmo com a globalização e a ascensão da cultura americana.

Laraia (2013,p.67), nos diz que "a cultura de uma sociedade é como uma lente através da qual o homem vê o mundo". Nesta lente estão embutidos todos os conceitos, regras e comportamentos que a sociedade estabeleceu como característicos e ideais para a boa convivência de seus cidadãos. Com isso, assistimos na cultura brasileira, toda a gama de preconceitos e estereótipos empregados a fim de definir o que é melhor e o que é pior para o consumo cultural e para a vida em sociedade. No período de definição do que seria a cultura nacional brasileira, a fim de melhorar a imagem da mestiçagem e legitimar a imagem do país no exterior, ocorreu uma apropriação e uma ressignificação das produções artístico-culturais de negros e mestiços, transformando estas manifestações em nacionais, o que de uma maneira ou de outra, as descaracterizou enquanto manifestações negras.

"Foi nos anos 1930 que o mestiço transformou-se definitivamente em ícone nacional, em um símbolo de nossa identidade cruzada no sangue, sincrética na cultura, isto é, no samba, na capoeira, no candomblé, na comida e no futebol. A valorização do nacional é acima de tudo uma retórica que não encontra contrapartida fácil na valorização das populações mestiças e negras, que continuam a ser, como veremos, discriminadas nas esferas da justiça, do direito, do trabalho e até do lazer."(SCHWARCZ, 2012, p.28)



Nossa lente foi habituada, após este momento pontual, a enxergar manifestações de matriz afro brasileira como uma produção nacional, ou seja, engloba o mito das três raças e não valoriza a matriz africana de grande contribuição. Neste processo de apropriação da cultura negra, alguns estereótipos insistiram em permanecer no imaginário social, atingindo as manifestações culturais, e conseqüentemente os corpos negros, que passaram a ser vistos por imagens que exaltam a sexualidade e o erotismo. Mais uma vez o corpo negro é renegado às esferas intelectuais. Não que não houvessem intelectuais negros neste período, mas a imagem massificada pela mídia foi a da sensualidade da mulata, da malemolência do malandro mulato e da predisposição dos negros ao futebol, como podemos observar nas palavras de Schwarcz:

"Para além do debate intelectual, tudo leva a crer que, a partir dos anos 1930, no discurso oficial "o mestiço vira nacional" ao lado de um processo de desafrikanização de vários elementos culturais, simbolicamente clareados. Esse é o caso da feijoada, naquele contexto destacada como um prato típico da culinária brasileira. A princípio conhecida como comida de escravos, a feijoada se converte em prato nacional, carregando consigo a representação simbólica da mestiçagem. Era, portanto numa determinada cultura popular e mestiça que se selecionavam os ícones desse país: da cozinha à oficialidade, a feijoada saía dos porões e transformava-se num prato tradicional."(SCHWARCZ, 2012,p.59)

A matriz negra desta maneira é clareada e melhor aceita no diferentes meios onde ainda predominam os não negros, a elite brasileira.

As conseqüências desta arquitetura para a corpo negro: Estigmatização de suas atitudes corporais, mais uma vez. O que poderia ser positivo, se tornou uma referência negativa quando generalizada e apimentada com os recorrentes estereótipos negativos com relação ao trabalho e aos estudos.

Dito isto, podemos observar na cultura a presença de um discurso para difusão dos ideais da política dominante. Sua ação por sobre o corpo, atravessa a razão, chega-nos até a corporeidade influenciando visões, percepções, ações e comportamentos dos sujeitos. A atitude corporal da população negra foi, então, atrelada ao malandro e a boemia, aos jeitinhos e ao roubo, a preguiça e à falta de instrução.

Desta maneira, percebemos como os estereótipos sobre o Outro ganham força ao utilizar o corpo como referência, sendo "o estereótipo a principal estratégia discursiva do colonialismo."



(BHABHA,1998, p.105), temos aí uma grande moeda de força para impedir a ascensão dos que foram excluídos socialmente.

O estereótipo estrutura a imagem do sujeito, transforma a sua auto imagem e o seu corpo, tornando este em um ser desajustado na sociedade. As populações atingidas por estereótipos têm na constituição de sua identidade o peso dessas visões. São instituídos rótulos, padrões de comportamentos e ações que acabam por marcar a corporeidade do indivíduo na sociedade.

Estas diferenciações instituídas a partir das características físicas dos indivíduos acabam por modificar os corpos destes. Assim, toda a linguagem e imagem corporal que é construída pelo indivíduo a partir de seu corpo e de seu contato com o meio onde vive, é influenciada pela atuação dos estereótipos. Os comportamentos e atitudes deste corpo obedecem às ordens impostas pela cultura e pelos olhares que o Outro mantém sobre ele, neste caso, olhares estereotipados, que influenciam diretamente em seu autoreconhecimento, que:

"se caracteriza pela capacidade do ser humano de construir uma representação interna do universo e também uma representação interna de si mesmo. Cada um de nós avalia sua posição no âmbito físico e social. Leva-se em conta a posição, prestígio social, a aprovação do outro, o respeito e a segurança." (LEE MANOEL, 2002, p.34)

O auto reconhecimento é também uma forma de identificação. A representação interna que o indivíduo faz de si e dos que os cercam, é o que constitui a sua identidade pessoal e esta constituição da identidade é marcada por símbolos. Os símbolos em uma sociedade, marcada pela presença de um discurso com resquícios do tempo colonial, se apresentam numa cultura onde eles servem como objetos de diferenciação. Na história do Brasil os símbolos que representavam a população negra foram ressignificados e alguns invisibilizados em função da criação de uma identidade nacional, desta maneira "uma série de símbolos vão virando mestiços, assim como uma alentada convivência cultural miscigenada se torna modelo de igualdade racial."(SCHWARCZ, 2012,p.68)

É através da difusão destes símbolos como objetos de diferenciação que ocorre a marginalização dos corpos dos excluídos, da periferia. Como os símbolos expressos na cultura da periferia onde se encontram estes corpos excluídos é julgada como inferior e vulgar, a elite dominante, em seu discurso, hoje amparado pela mídia, amplia e divulga as ideias e os



estereótipos sobre este corpo, discriminando, segregando, estabelecendo locais e ações para sua expressão. Considerando que a população negra possui uma enorme expressão cultural, voltemos a alertar que este é o corpo que sofre com a marginalização.

A marginalização da corporeidade negra segue por caminhos que chegam a impedir que seus jovens frequentem locais, onde por imposição da cultura dominante, não haveria espaço para eles. Sua arte não é tão bem vista, pois está atrelada, devido aos estereótipos, à sexualidade e a vulgaridade. As imagens difundidas e defendidas pela a mídia não contemplam a corporeidade e a estética negra, assim sem referencial, os corpos negros se encontram perdidos em meio a uma inundação de perfis que não se encaixam na realidade social que se encontram.

Temos a partir desta conjuntura um paradigma de identidade para a população negra. Como o corpo negro estará presente em uma sociedade que o invisibiliza? Que linguagem será expressa por este corpo?

Seguindo a observação de Hall (2013, p.06) podemos enxergar o corpo como um texto, um texto pronto para ser lido e interpretado. Um texto que segundo Fanon, já tem uma leitura pronta, que é aquela do observador branco: "Pois o negro não tem mais de ser negro , mas sê-lo diante do branco.(2008, p.104)" Atentamos para o fato que nosso corpo, enquanto texto, se constrói a partir do que sabemos sobre ele e também sobre o que é dito sobre ele. A população negra brasileira tem um texto pré-escrito não muito favorável à sua ascensão e valorização cultural. A corporeidade negra sofre em ser-no-mundo.

Sendo a corporeidade o próprio agir no mundo, a complexidade do entendimento do ser/estar, temos na corporeidade a expressão do EU.

Acompanhando o pensamento de Gumbrecht (2004, p.91), a corporeidade é como o nosso componente de presença. Somos e estamos no mundo através de nossa relação com as coisas do mundo, de nossas atitudes e comportamentos neste mundo, de nossa intencionalidade de movimento, através de nossa corporeidade.

Nossa corporeidade ao expressar a linguagem de nosso corpo, traz consigo as conceituações e a normalização estabelecida pela cultura. Assim sendo, a corporeidade negra traz consigo as marcas concretas dos discursos vigentes sobre a população negra, "marcas estas que



hoje podem ser reconhecidas pelo olhar da discriminação que as mantêm vivas, enquanto mecanismo de opressão e dominação." (MATTOS, 2010, p.34). Não esquecendo que com isso a expressão da corporeidade negra está imbuída da resistência e dos estereótipos atribuídos a este corpo. Mattos (2010, p.49), esclarece que a representação corporal do sujeito negro é um atributo pelo qual ele é avaliado e, por esta razão, influenciado pelos estereótipos. Assim, assistimos a invisibilização e a inferiorização desse atributo.

No corpo negro, temos além do esquema corporal e as percepções de si, a atribuição da raça às características fenotípicas. O cabelo e a cor de pele são como insígnias da raça negra.

Estas características físicas em si não são capazes de caracterizar um grupo de pessoas ou determinadas culturas como diz Hall (2013, p.01), mas com relação à população negra torna-se sinônimo de ancestralidade e preconceito. Os discursos discriminatórios sobre o corpo negro, foram criados justamente a partir destas características físicas e por isso raciais, sendo ainda relacionados aos comportamentos e atitudes corporais. Crescem desta conjuntura as visões estereotipadas sobre a população afro brasileira, estampadas tanto nos discursos como na corporeidade de sua população negra.

A atribuição do significado de raça enquanto caracterização física dos indivíduos, influencia a corporeidade e a estética das populações negras, porém reconhecemos que o significado de raça no Brasil é mais profundo, associa ainda atributos físicos e posição social. A raça é como na citação de Hall (2013, p.01)," um significante flutuante, um componente discursivo". O seu significado está atrelado ao sentido histórico cultural que este meio de diferenciação tem em uma sociedade e na sociedade brasileira. Sujeitos negros foram desprovidos da cidadania por séculos, passaram pelo abandono do poder público no pós-abolição e tiveram a raça associada à causa de todas as mazelas da sociedade. Tornando assim, a raça um parâmetro de avaliação do olhar branco sobre a população negra no Brasil. A raça para as populações negras é a marca concreta de sua diferença, que está explícita em seu corpo. Hall (2013, p.01), em seu texto esclarece que "como elemento discursivo, a raça é uma construção social, que só aparece nos corpos pela distinção da diferença."

A raça associada às características físicas, a condição social e ao comportamento esperado, atribui ao corpo negro um significado/sentido na sociedade. Este sentido "cercado"



por preconceitos tem no corpo negro brasileiro a incorporação dos estereótipos defendidos desde os tempos coloniais. Desde então temos atrelado ao corpo negro a noção de intelectualidade inferior, propensão aos trabalhos manuais extenuantes, insatisfação pelo trabalho formal, sexualidade exacerbada, pele não limpa, cabelos crespos, descuidados e fealdade. São estereótipos atribuídos aos negros que até hoje vigoram marcando profundamente a corporeidade destes.

A corporeidade negra brasileira, tem a sua história contada a partir destas visões, o que reforça o racismo e a discriminação racial. As tradições afro brasileiras relacionadas às expressões corporais e às artes, tem sido incorporadas pela cultura vigente, realizando uma leve valorização, porém o corpo negro, que foi posto às margens da sociedade sofre com a estigmatização de sua imagem. Desta maneira, os corpos negros na atualidade brasileira tem em suas expressão e corporeidade, suas movimentações e atitudes, ainda atribuídos à comportamentos desaprovados para o convívio em sociedade, sendo esses atributos atrelados à sua condição social. O racismo brasileiro possui esta característica e os corpos da população negra sofrem esta imposição, como bem reconhece Lilian Schwarcz:

"Tudo isso indica que estamos diante de um tipo particular de racismo, um racismo silencioso e que se esconde por trás de uma suposta garantia de universalidade e da igualdade das leis, e que lança para o terreno privado o jogo da discriminação. Em uma sociedade marcada historicamente pela desigualdade, pelo paternalismo das relações e pelo clientelismo, o racismo só se afirma na intimidade, não se afirma publicamente. No entanto, depende da esfera pública para a sua explicitação, numa complicada demonstração de etiqueta que mistura raça com educação e com posição social e econômica." (SCHWARCZ, 2012, p.32)

A corporeidade negra: a linguagem corporal.

As movimentações e atitudes corporais do corpo negro, trazem em suas linguagens, a ancestralidade corporal, uma referência em sua linguagem aos movimentos e expressões exercidas por seus antepassados.

"São muitas as ação repetidas das tradições ancestrais, outras foram adaptadas, algumas criadas ou fundidas, mas têm sempre no corpo possível, no corpo do trabalho, o principal elemento-base para realizar, nos momentos permitidos, a celebração da pessoa com a sua história, sempre marcada pela música e dança." (SABINO; LODY, 2011, p.80)



É como se o que foi vivido pelos antepassados negros estivesse marcado na corporeidade das populações afro descendentes. Isto posto, as linguagens corporais expressadas pelos corpos negros estariam carregadas, além de todo o estereótipo atribuído a ele, de um movimento de resistência às imposições de normatização de seus aspectos culturais para enquadramento na sociedade. Deste modo, este corpo é repleto de expressões sobre a luta difundida pelos antepassados por sua libertação e conquista da cidadania.

Segundo Hall (2013, p. 324), "dentro de toda exclusão e opressão sofrida na colonização, restou às populações de descendência africana o seu corpo como forma de expressão e identificação na diáspora". Mais uma vez o corpo se torna um espaço de significação. Os sistemas de representação impostos pela cultura estão neste momento internalizados na corporeidade.

Desta maneira, concluímos que a constituição da identidade se dá também através da corporeidade. A corporeidade é constituída a partir de nossa relação com o mundo. Se o mundo onde vivemos se constitui de uma sociedade que foi colonizada, onde os conhecimentos reverenciam uma parcela da população e invisibilizam outra, acreditamos que a corporeidade dos invisibilizados esteja formada de maneira a manter-se invisível. Porém, pela ação da resistência cultural, temos um novo panorama para a corporeidade negra. O mesmo corpo que é marginalizado, subjugado como incapaz de alguns afazeres intelectuais, tem hoje o seu retrato modificado pela ação das linguagens corporais negras incorporadas à cultura vigente. Apesar da globalização e do deslocamentos das culturas para a periferia, o que assistimos é o crescimento das vertentes de matriz africana participando cada vez mais da cultura de massa, tornando a corporeidade negra, sim visível.

O corpo negro, a partir de então com toda a sua corporeidade, englobando expressões corporais, estética e comportamento, tem a sua visibilidade assegurada a partir das lutas das populações negras em legitimar sua cultura, lutando pela anulação dos estereótipos. Essa é uma luta de forças como coloca Deleuze (1976, p.21), as forças reativas na atualidade têm demonstrado sua força ao encontrar espaços para legitimação de seus significantes culturais. A estética, as políticas afirmativas, a cultura de massa, são vertentes que auxiliam nesta legitimação.



Esperemos da sociedade brasileira modificações nas visões e percepções de forma que sejam maximizados os espaços de intervenção da população negra engajada na luta contra a sua invisibilidade.

Referências:

- BHABHA, H.K. **O local da Cultura**. Belo horizonte: Editora UFMG, 1998. p. p.105 - 128..
- DELEUZE, G. **Nietzsche e a filosofia**. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976. p.21-23.
- FANON, F. **Pele Negra, Máscaras brancas**. Salvador: UFBA, 2008. p. 103 - 126.
- FOUCAULT, M. O corpo Utópico. Trad. Cepat. Página/12 (Buenos Aires), 29/10/2010 (1966). Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/38572-o-corpo-utopico-texto-inedito-de-michel-foucault#.Uc-c_xLbGa>
- GUMBRECHT, H.U. **Produção de presença: o que o sentido não consegue transmitir**. Rio de Janeiro: Contraponto/PUC Rio, 2004 p.75 - 117.
- HALL, S. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Org. Liv Sovik. 2ª.ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013. p. 372-388.
- _____. Raça, o significante flutuante. Revista Z Cultural (PACC-UFRJ), Ano VIII, No.2, 2013. Disponível em:<<http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/raca-o-significante-flutuante%EF%80%AA/>>
- LEE MANOEL, C.L. O corpo em movimento gerando autoconhecimento. In: **Corpo, Prazer e Movimento**. São Paulo: SESC/SP, 2002. p.32 - 41.
- MATTOS, I.G. **Estética Afirmativa: Corpo negro e Educação Física**. Salvador: EDUNEB, 2009.
- RODRIGUES, J.C. **Tabu do corpo**. 7.ed., Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2006.
- SABINO,J; LODY,R. **Danças de matriz africana: Antropologia do movimento**. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.
- SCHWARCZ,L. M. **Nem preto, nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na sociabilidade brasileira**. 1.ed - São Paulo; Claro Enigma,2012.
- SCOTT, D. **Refashioning Futures: Criticism after postcoloniality**. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1999.
- SILVA, T.T. **Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais**. 13.ed, Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2013.
- SIQUEIRA, M.L. Identidade e racismo: a ancestralidade africana reelaborada no Brasil. In: **Racismo no Brasil**. São Paulo: Peirópolis; ABONG, 2002. p. 73- 85.